

Discoglossus galganoi Capula, Nascetti, Lanza, Bullini & Crespo, 1985

Rã-de-focinho-pontiagudo

Sapillo pintojo ibérico, West Iberian Painted Frog

TAXONOMIA E FILOGEOGRAFIA

Reconhecem-se, actualmente, seis espécies dentro do género *Discoglossus*, que se distribuem pelo ocidente da bacia mediterrânica (Fromhage et al., 2004).

A única existente em Portugal é *Discoglossus galganoi*. Dada a semelhança morfológica entre as várias espécies deste género, só nos últimos 20 anos, e recorrendo a análises genéticas, se clarificou o seu estatuto e distribuição geográfica.

Assim, sabe-se agora que a forma originalmente descrita para a Península Ibérica – *D. pictus* – é na verdade o resultado de uma introdução no Nordeste de Espanha e/ou Sudoeste de França de animais de origem argelina (Martínez-Solano, 2004).

As duas espécies endémicas da Península Ibérica – que, para além de *D. galganoi* inclui também *D. jeanneae* - ter-se-ão separado das restantes há cerca de 10 milhões de anos, com a formação dos Pirinéus (Fromhage et al., 2004). A divergência entre as duas espécies ibéricas é mais recente, Pliocénica ou Pleistocénica, resultando provavelmente do seu isolamento em refúgios glaciares distintos (García-París & Jockusch, 1999; Martínez-Solano, 2004). No entanto, Zangari et al. (2006) estudaram detalhadamente as populações ibéricas e sugerem que o nível subespecífico é o mais adequado para classificar as duas formas. Independentemente desta controvérsia sobre o estatuto taxonómico das formas de *Discoglossus* na Península Ibérica, Martínez-Solano (2004) descreveu, no seio de *D. galganoi*, uma apreciável diferenciação genética em três grupos: i) o primeiro englobando as populações que vivem a norte do Douro, ii) o segundo incluindo as localizadas entre o Douro e o Tejo, e iii) o terceiro constituído pelas localizadas entre o Tejo e o Guadalquivir. A separação entre estes três grupos terá ocorrido durante as glaciações Pleistocénicas.

DISTRIBUIÇÃO GLOBAL

É uma espécie com distribuição circunscrita a Portugal e à metade Oeste de Espanha, coincidindo de um modo geral com a distribuição de substratos metamórficos semipermeáveis de granitos e xistos (García-París & Jockusch, 1999; García-París et al., 2004; Real et al., 2005).

A Leste, a sua distribuição ao longo da zona de contacto com *D.*

jeanneae é aparentemente parapátrica.

Ocorre numa grande variedade de habitats, desde o nível do mar até cerca de 2000 m de altitude, geralmente próximo de pontos de água (García-París et al., 2004). Reproduz-se, frequentemente, em massas de água temporárias, geralmente de pequenas dimensões, tais como poças, prados encharcados, pequenos regatos, lagoas litorais, ou pontos de água artificiais (Díaz-Paniagua, 1990; García-París et al., 2004).

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

Em Portugal, a espécie ocorre por todo o território, e em praticamente todos os tipos de habitat, em núcleos mais ou menos fragmentados. O presente trabalho permitiu confirmar a contiguidade populacional entre a maioria dos núcleos previamente conhecidos, tendo aumentado significativamente o número de quadrículas com registos da espécie ao longo da costa ocidental entre Peniche e Aveiro, e no Alentejo. É também agora mais fácil definir as zonas onde a espécie é mais rara ou está ausente – algumas regiões das Beiras e de Trás-os-Montes.

CONSERVAÇÃO E AMEAÇAS

Apesar de amplamente distribuída pelo país, a sua dependência de massas de água temporárias para a reprodução torna esta espécie vulnerável a alterações de habitat, tais como a intensificação das práticas agrícolas ou a regularização dos cursos de água. Por outro lado, a introdução nestes pontos de água de predadores exóticos, em especial o lagostim-vermelho-da-Louisiana, *Procambarus clarkii*, pode igualmente afectar o seu sucesso reprodutivo uma vez que as rãs-de-focinho-pontiagudo se reproduzem preferencialmente em habitats sem grandes predadores aquáticos (Díaz-Paniagua, 1990) e as suas formas larvares parecem não possuir defesas que lhes permitam a coexistência com este predador (Cruz & Rebelo, 2005). Em Espanha, foram já registadas extinções locais após a introdução de peixes ou lagostins exóticos (Galán, 1997).

Maria João Cruz e Rui Rebelo



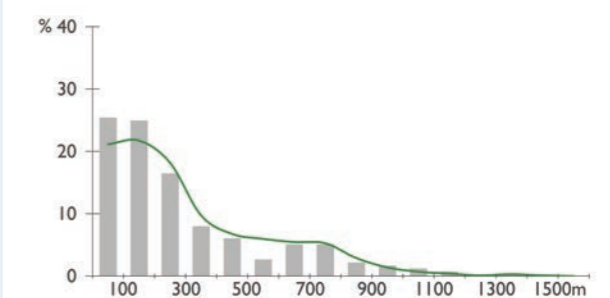
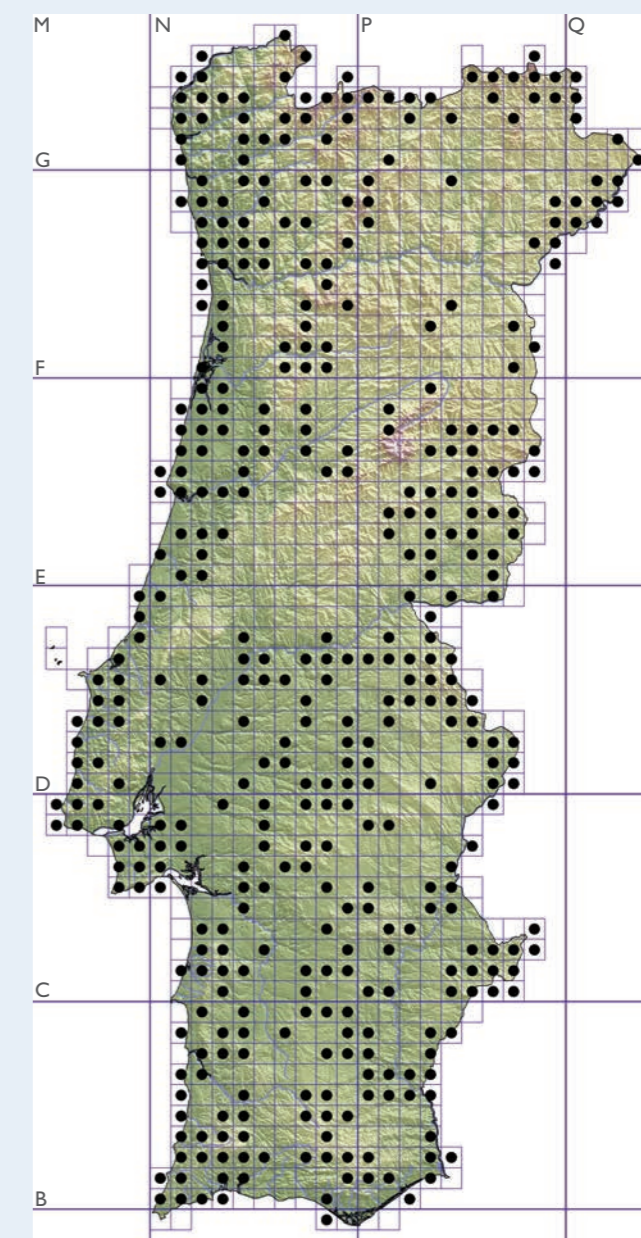
CC



PhG



PhG



Nº quadrículas	% Portugal	% Global	LVVP
414	41,1%	28%	NT

assinalados foram atribuídos à presença de *P. punctatus*. Contudo, nos últimos anos, a colheita de indivíduos provenientes de diferentes populações portuguesas de *Pelodytes* spp. para as quais se obtiveram dados genéticos e bioacústicos permite termos hoje uma ideia razoavelmente mais precisa dos contornos das áreas de distribuição das duas formas (Pargana, 1998; Márquez *et al.*, 2001; Tejedo *et al.*, dados não publicados).

Alguns dos locais correspondentes aos indivíduos analisados do ponto de vista genético (G) e/ou bioacústico (A), e num único caso morfológico (M), são os seguintes: *P. ibericus* – Almada do Ouro (G; A), Odeleite (G), Mértola (G; A), Monte Trigo (G; A), Montes Juntos/N. Monsaraz (G; A) e Castro Verde (A); e *P. punctatus* – Vila do Bispo (G;A), Paul de Lagos (G), Porto Covo (M – osteológico, Sanchiz *et al.*, 2003), Serra de Grândola (G; A), Cacém (G; A), Paul do Boquilobo (G), Serra de Aire (G), São Salvador/Rio Maior (A), Soure (G), Coimbra (G; A), Santo Varão/Coimbra (G;A) e Alpalhão (G;A).

Estes dados mostram-se na Figura 7.2 e sugerem que *P. ibericus* ocupará grande parte do interior Sul do país (Baixo Alentejo) e parte do Sotavento algarvio, dando assim continuidade à sua distribuição em Espanha, enquanto *P. punctatus* ocorrerá em parte do Barlavento algarvio, estendendo-se, depois, para Norte através de uma estreita faixa litoral que chega até Vila do Conde.

As duas espécies portuguesas incluídas neste género ocorrem numa grande variedade de habitats, desde regiões de dunas costeiras até zonas de matos, bosques, montados e áreas agricultadas. São difíceis de observar, escondendo-se durante o dia debaixo de pedras e vegetação. Reproduzem-se frequentemente em charcos e pequenas lagoas temporárias.

Em Portugal, a maior parte dos registos corresponde a localidades abaixo dos 400 m, embora Malkmus (2004e) refira uma população isolada que ocorre no planalto da Serra de Monchique, a cerca de 900 m de altitude.

CONSERVAÇÃO E AMEAÇAS

No Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal, atribuiu-se a categoria de “Não Avaliado” à(s) espécie(s) do género *Pelodytes*

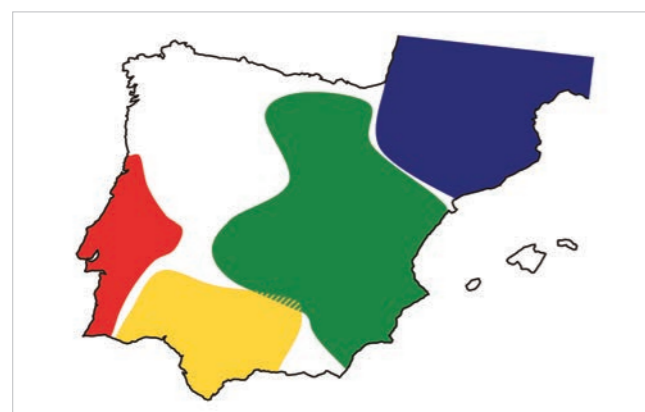


Figura 7.1: Distribuição das várias formas do género *Pelodytes* na Península Ibérica. Amarelo – *Pelodytes ibericus*; Vermelho, verde e azul – outras formas (spp. e/ou ssp.).

pelo facto do seu estatuto taxonómico não estar clarificado. Na verdade, a eventual confirmação de que as populações portuguesas de *Pelodytes* distribuídas pela maior parte da franja litoral oeste do país poderão corresponder a uma forma distinta de *P. punctatus*, implicaria o reconhecimento de um endemismo português e, possivelmente, algumas preocupações em termos de conservação.

Em particular, as populações localizadas a norte do rio Tejo poderiam estar ameaçadas pela destruição dos habitats associada à crescente urbanização.

Por outro lado, a distribuição de *P. ibericus* estaria confinada a uma região relativamente reduzida do sudeste de Portugal, e as suas populações eventualmente ameaçadas pela aridez crescente e pelo desaparecimento dos seus habitats de reprodução mais típicos.

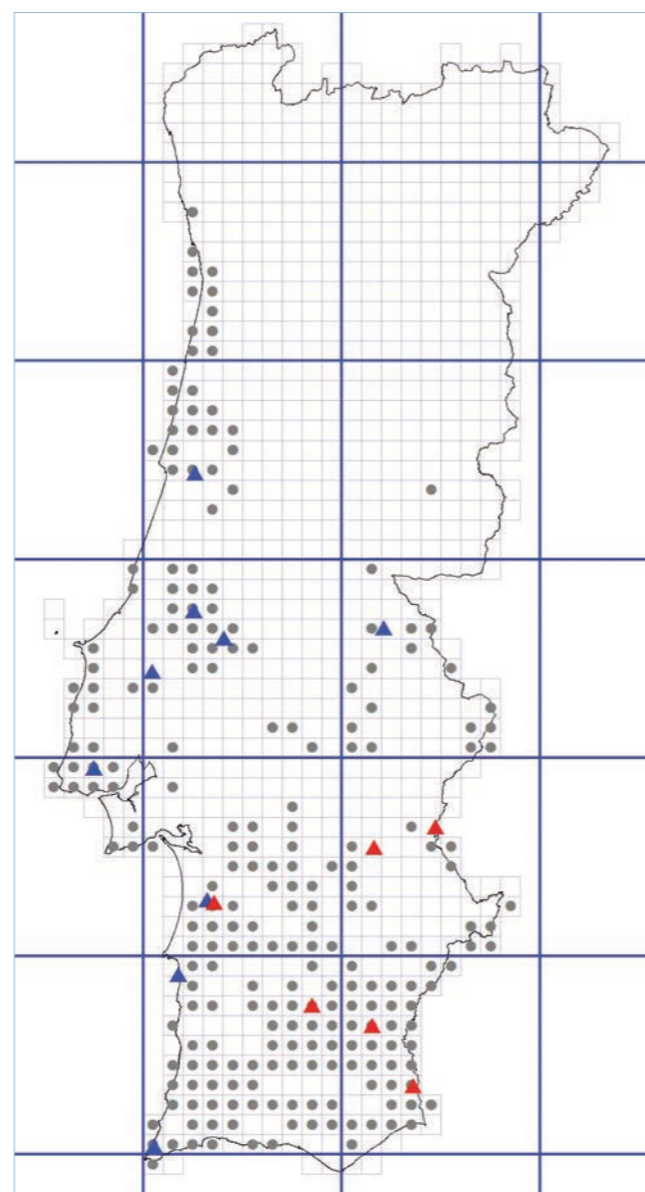


Figura 7.2: Distribuição conjunta das duas espécies do género *Pelodytes* (*P. ibericus* e *P. sp.*) em Portugal. A vermelho – locais onde a presença de *P. ibericus* foi identificada com base em um ou mais critérios; a azul – locais onde o mesmo se verificou para outras formas distintas de *Pelodytes*.

Assim, as principais medidas de conservação passariam por um melhor conhecimento da sua biologia, pela avaliação do estado actual das suas populações, e ainda pela manutenção dos seus locais de reprodução.

Eduardo G. Crespo, Rafael Marquez, João Pargana e Miguel Tejedo